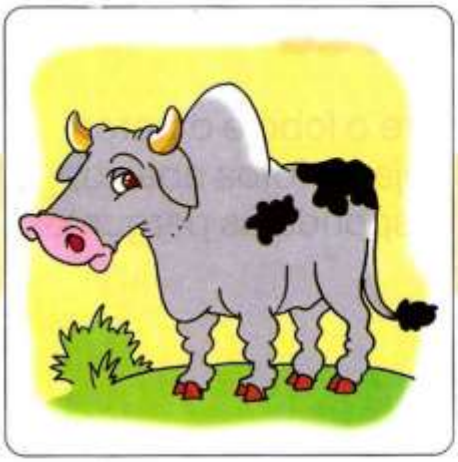
Alfabetização

LEITURINHAS



https://www.facebook.com/praticaspedagogicas2017/



B
BOI

O BOI

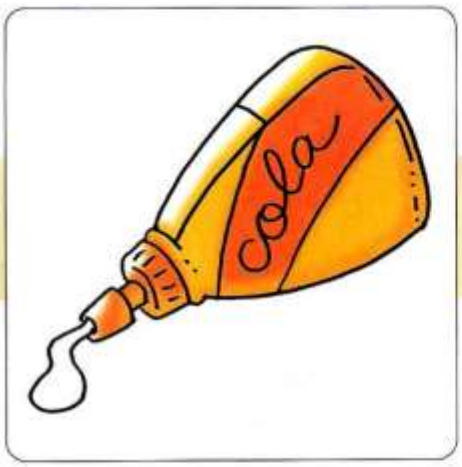
O BOI BOMBOM BATEU,
BATEU PERNA POR AÍ
NO BEM-BOM.
SENTINDO A SUA FALTA,
OS BOIS PERGUNTAVAM:
– AONDE FOI O BOMBOM?

FORA DO PASTO, SÓ NOVIDADE.
NA BICA, ÁGUA BEM FRESQUINHA.
NA BOCA DA GRUTA,
BOMBOM BERROU, BERROU
DE MIL MODOS DIFERENTES,
GOSTANDO DA BRINCADEIRA.

DEU UM DEDO DE PROSA
COM OS AMIGOS MACACOS.
COMEU JABUTICABAS DO MATO.
GOSTOU E REPETIU E REPETIU.
BARRIGA CHEIA, DORMIU MUITO
– QUE BOI NENHUM É DE FERRO.
E SONHOU COM UM PAÍS
SEM CARROS DE BOI
E SEM AÇOUGUEIROS.



Elias José. *Um jeito bom de brincar*, págs. 32 e 33. São Paulo, FTD, 2002.



C
COLA



A COLA E EU

A COLA COLA E ME ENROLA,
COLA SEM DESGRUDAR.
GRUDA AQUILO QUE QUERO
E O QUE NÃO QUERO COLAR.

O PAPEL GRUDA NA MESA,
A FIGURA, NO PAPEL.
TUDO FICA BEM MELADO,
COMO SE FOSSE DE MEL.

(...)

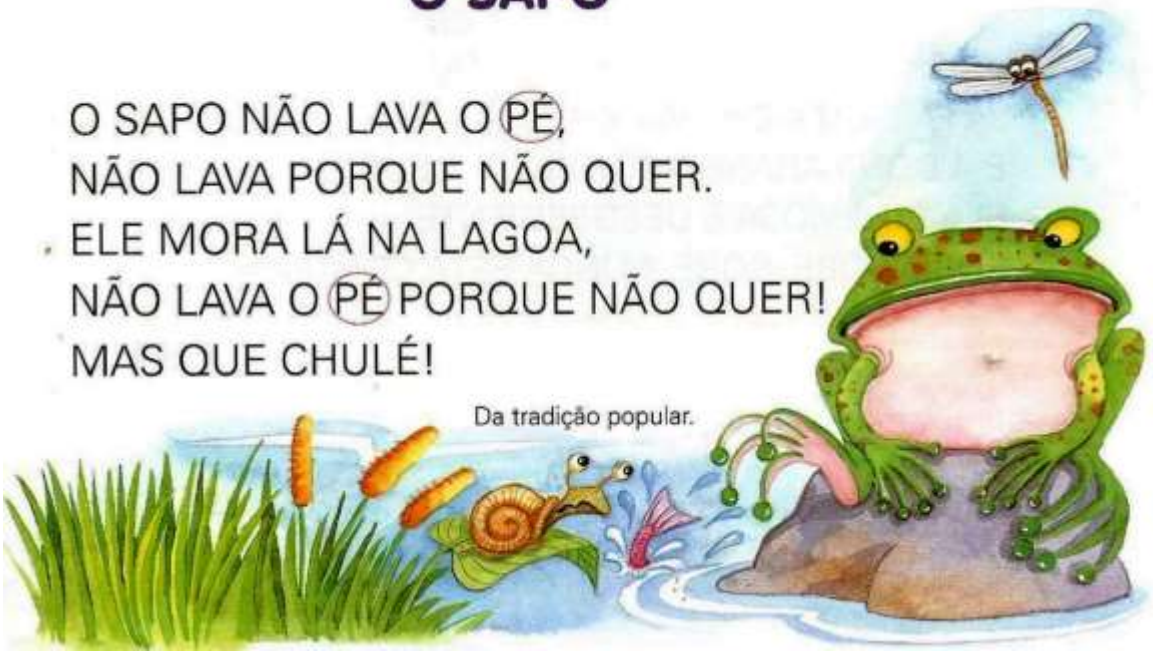
CANETA, LÁPIS, CADERNOS
FICAM BEM SUJOS DE COLA.
PRA COLAR UMA FIGURA
É PRECISO ENTRAR NA ESCOLA?

Sônia Salerno Forjaz. *Alegria*, nº 94.
São Paulo, Abril Jovem, 1990.

O SAPO

O SAPO NÃO LAVA O PÉ,
NÃO LAVA PORQUE NÃO QUER.
ELE MORA LÁ NA LAGOA,
NÃO LAVA O PÉ PORQUE NÃO QUER!
MAS QUE CHULÉ!

Da tradição popular.



CARANGUEJO

Caranguejo não é peixe,
Caranguejo peixe é.
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré.



Palma, palma, palma,
Pé, pé, pé,
Roda, roda, roda,
Caranguejo peixe é.

Da tradição popular.

O CAROÇO

No fundo do poço
surgiu um caroço.

Chamaram o moço
pra ver o caroço
do fundo do poço.

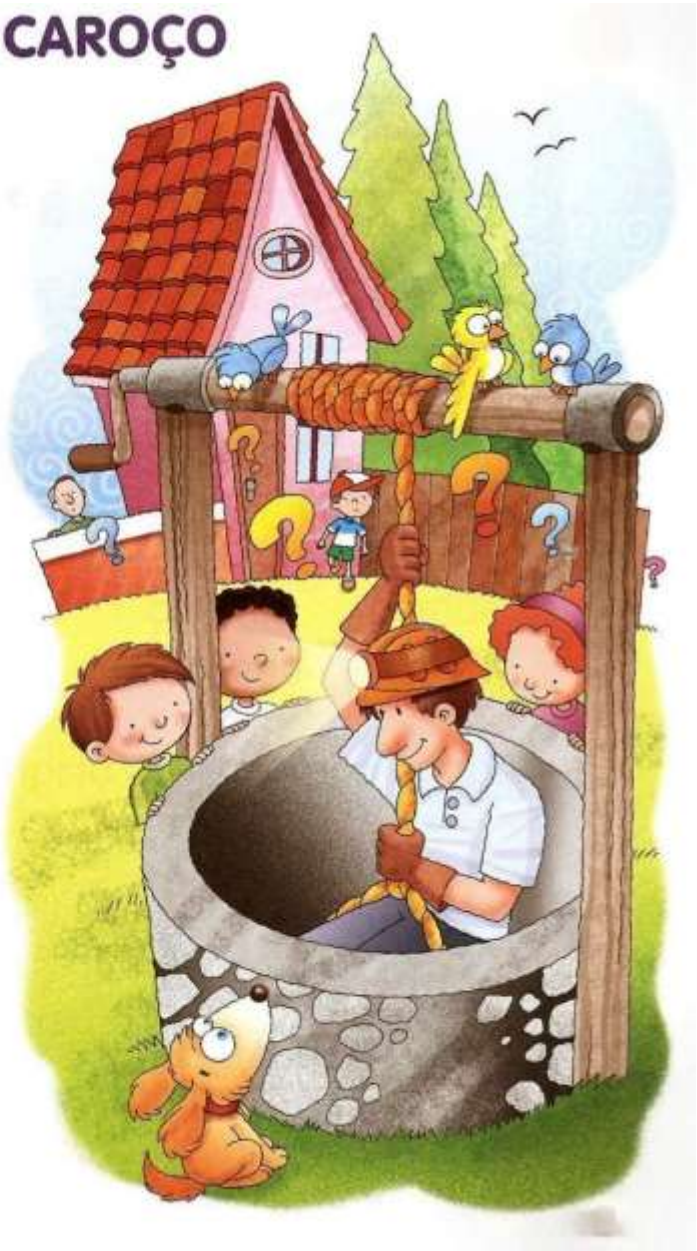
Será que o caroço
do fundo do poço
é feito de osso?

Cuidado, seu moço!
Não quebre o caroço!

Do fundo do poço
o pobre do moço
retira o caroço.

Tinha quatro patas
e uma cabecinha.

E era apenas
a tartaruga da vizinha.



TENHO MEDO MAS DOU UM JEITO



RUTH ROCHA E DORA LORCH

EU TINHA MUITO MEDO DE ATRAVESSAR A RUA, PORQUE EU TINHA MEDO DE SER ATROPELADO.

MAS EU APRENDI A ATRAVESSAR COM CUIDADO, A OLHAR PARA OS LADOS, A ATRAVESSAR NA FAIXA E A OBEDECER O SINAL.

EU TINHA MUITO MEDO DA ÁGUA QUE UMA VEZ EU LEVEI MUITO SUSTO, QUE EU CAÍ DENTRO D'ÁGUA.

MAS AGORA EU SEI QUE A GENTE PODE FICAR NO RASINHO, PODE USAR BÓIA OU PODE APRENDER A NADAR.

EU TINHA MUITO MEDO DE TOMADA, QUE UMA VEZ EU LEVEI UM CHOQUE!

MAS EU APRENDI QUE NÃO TEM NADA QUE BRINCAR COM TOMADA. TOMADA É BOM PARA LIGAR MINHA VITROLA OU A MÁQUINA DE FAZER BOLO.





TENHO MEDO MAS DOU UM JEITO. SÃO PAULO: LASTRI, 1986.



A CIGARRA E A FORMIGA

A cigarra passou todo o verão cantando, enquanto a formiga juntava seus grãos.

Quando chegou o inverno, a cigarra veio à casa da formiga para pedir que lhe desse o que comer.

A formiga então perguntou a ela:

— O que é que você fez durante todo o verão?

— Durante o verão eu cantei — disse a cigarra.

E a formiga respondeu:

— Muito bem, pois agora dance!



Ruth Rocha. *Fábulas de Esopo.*
São Paulo: Melhoramentos, 1986.

A CHÁCARA DO CHICO BOLACHA

Na chácara do Chico Bolacha
o que se procura
nunca se acha!

Quando chove muito,
o Chico brinca de barco,
porque a chácara vira charco.

Quando não chove nada,
Chico trabalha com a enxada
e logo se machuca
e fica de mão inchada.



O TEMPO

O tempo perguntou ao tempo
quanto tempo o tempo tem.
O tempo respondeu ao tempo
que o tempo tem tanto tempo
quanto tempo o tempo tem.

Da tradição popular.



DENTE NO TELHADO

No dia em que o dente de leite de Joãozinho caiu, ele o jogou no telhado e fez um pedido muito especial. Dormiu.

Na manhã seguinte, ao acordar, ele pensou, pensou, e nada: não se lembrava mais do pedido.

Quando o menino já nem lembrava mais de tentar lembrar o que tinha pedido, apareceu na sua porta... uma bicicleta!



Diléia Frate. *Histórias para acordar.*
São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

CARACOL

Rodolfo é um caracol.
Ele adora viajar.
Ele não tem pressa de chegar.
Rodolfo leva a casa nas costas.
A barriga vai no chão.
A cabeça vai no ar.
Rodolfo vive sempre satisfeito.
Ele não tem aluguel pra pagar.



Sônia Junqueira. *O caracol viajante.*
São Paulo: Ática, 1987.

NO CARRO

VOCÊ VIU
O GALO DE GALOCHA,
O SAPO DE SAPATO,
E PATO DE PÉ-DE-PATO
NO CARRO DO CARRAPATO?



Bartolomeu Campos de Queirós. *Bichos são todos... bichos.*
São Paulo: Editora do Brasil, 2005.

MALUQUICES DO H

O *H* é letra incrível,
muda tudo de repente.
Onde ele se intromete,
tudo fica diferente...
Se você vem para *cá*,
vamos juntos tomar *chá*.
Se o *sono* aparece,
tem um *sonho* e adormece.
[...]
Se da *bolha* ele escapar,
uma *bola* vai virar.
Se o *bicho* perder o *H*,
com um *bico* vai ficar.
O *H* é letra incrível,
muda tudo de repente.
Onde ele se intromete,
tudo fica diferente...



Pedro Bandeira. *Mais respeito, eu sou criança!*
São Paulo: Moderna, 1995.

A BARATA

HAVIA UMA BARATA
NA CARECA DO VOVÔ.
ASSIM QUE ELA ME VIU
BATEU ASAS E VOOU.

SEU JOAQUIM-QUIM-QUIM,
COM ROUPA TOR-TA-TA
DANÇANDO VAL-SA-SA
COM MARICO-TA-TA.

Da tradição popular.

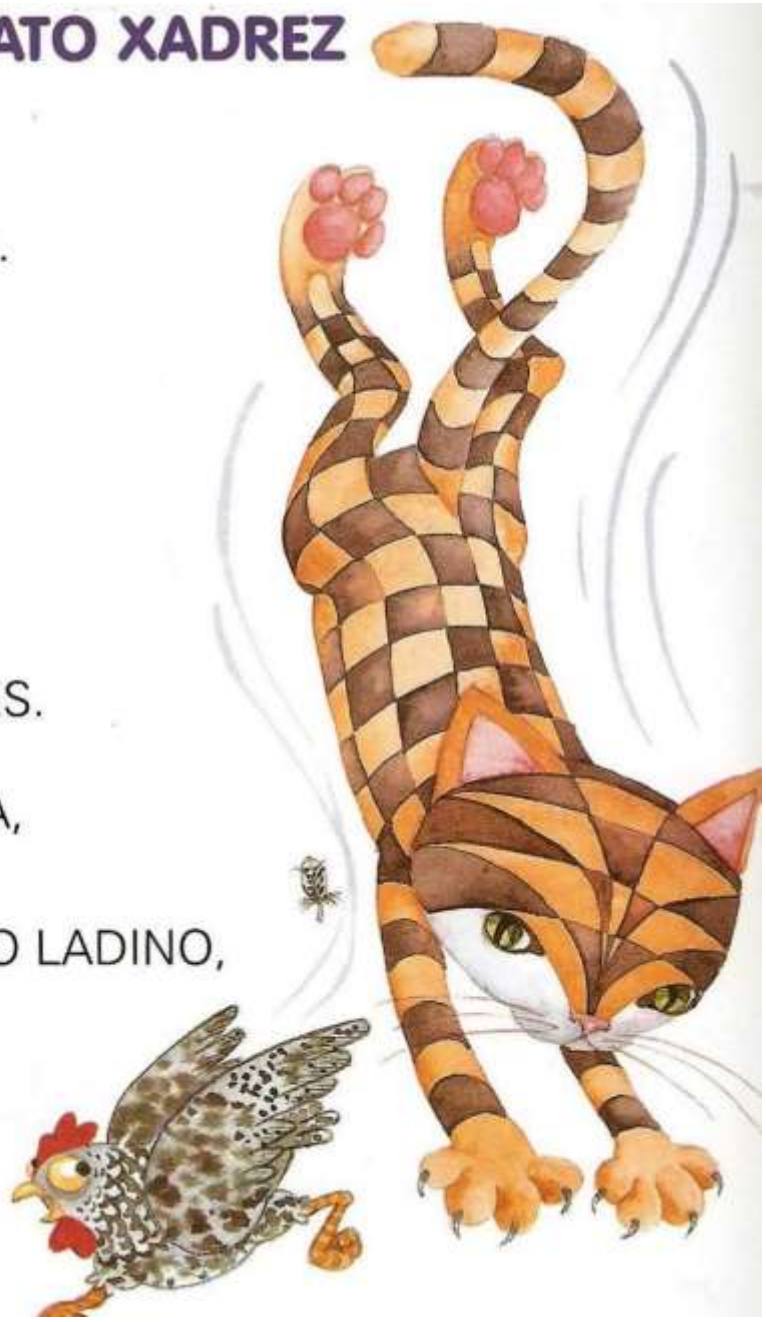


O GATO XADREZ

ERA UMA VEZ
UM GATO XADREZ.
GOSTOSO
ERA O SEU PÊLO,
A MACIEZ.

SALTOU O MURO
E ESPANTOU
A GALINHA PEDRÊS.

NÃO ERA DE RAÇA,
NADA DE SIAMÊS.
ERA DA RUA, GATO LADINO,
PRIMO DO TIGRE,
DA ONÇA,
DA LIBERDADE
ERA FREGUÊS.





X

XEPA

XISTO

ESTE É O XISTO ENGRAXATE,
MOLEQUE DANADO, XERETA,
MEXE COM TODOS, PUXA CONVERSA,
NÃO TEM MEDO DE CARETA...

(...)

SUA CAIXA, ALÉM DA GRAXA
E DA FLANELA XADREZ,
TEM UMA FAIXA RESERVADA
PRO NOME DE CADA FREGUÊS.

MORA SÓ COM UMA SENHORA,
POR QUEM TEM O MAIOR XODÓ.
É A BAIXINHA DONA XEPA,
GRANDE AMIGA E AVÓ.

QUANDO XISTO ENXERGA XEPA,
NA BARRACA LÁ DA FEIRA,
DEIXA TUDO, ESQUECE A CAIXA,
SE ENROLA NO XALE DA AVÓ,
FAZ MUXOXO, PEDE ENROSCO,
PIA FEITO UM PIXOXÓ.

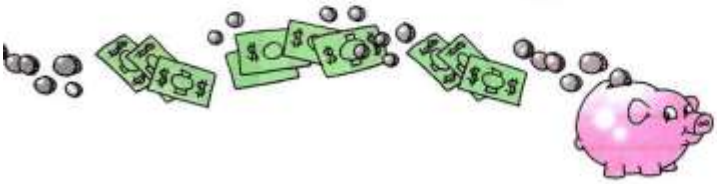


Cristina Porto. *Xisto e Xepa*.
São Paulo, FTD, 1988.

Z

ZEBRA







ZEBRINHA



COITADA DA ZEBRA!
É TÃO POBREZINHA,
SÓ TEM UMA ROUPA,
A COITADINHA!
DORME DE PIJAMA,
PIJAMA DE LISTRINHA,
E PASSA DIAS INTEIROS
VESTIDA DE PIJAMINHA.
QUE TAL A GENTE SE JUNTAR
E FAZER UMA VAQUINHA
PRA COMPRAR PRA ZEBRINHA
VESTIDO DE BOLINHA?

Wania Amarante. *Cobras e lagartos*.
Belo Horizonte, Miguilim, 1993.

M

MENINO





O MENINO QUE TINHA MEDO DE TUDO

ERA UMA VEZ UM MENINO QUE TINHA MEDO DE TUDO.

MEDO DE BRINCAR NA RUA PORQUE DIZIAM QUE RUA NÃO ERA LUGAR DE CRIANÇA BRINCAR.

MEDO DE TER AMIGOS PORQUE ACHAVA TODOS MAIS FORTES DO QUE ELE.

MEDO DE TER NAMORADA PORQUE ACHAVA QUE JAMAIS PODERIAM GOSTAR DELE.

MEDO DE CHORAR PORQUE DIZIAM QUE ERA FEIO CHORAR.

E COMO NÃO PODIA CHORAR DE VERDADE, NÃO SABIA COMO SORRIR.

POR ISSO VIVIA TRISTE, SOZINHO, EM SEU QUARTO TRANCADO A SETE CHAVES, ESCONDIDO, ENCOLHIDINHO, SE SENTINDO PEQUENO, BEM PEQUENO, BEM PEQUENININHO...

Tônio Carvalho/Guto Lins. *O menino que tinha medo de tudo*. São Paulo, Melhoramentos, 1988.

L
LOBO



O PASTOR E O LOBO

UM PASTOR DE OVELHAS ACHAVA A VIDA MUITO MONÓTONA. POR ISSO, INVENTAVA DE TUDO PARA SE DISTRAIR. A SUA DIVERSÃO FAVORITA ERA FINGIR QUE ESTAVA EM APUROS.



— UM LOBO! SOCORRO! SOCORRO! — COSTUMAVA GRITAR AOS QUATRO VENTOS.

QUANDO AS PESSOAS DO POVOADO VINHAM EM SEU SOCORRO, ENCONTRAVAM-NO PERFEITAMENTE SEGURO, RINDO A VALER.

UM DIA APARECEU UM LOBO DE VERDADE NA FRENTE DO PASTOR. DESESPERADO, ELE COMEÇOU A GRITAR COMO SEMPRE FAZIA:

— UM LOBO! SOCORRO! SOCORRO!

DESTA VEZ NINGUÉM VEIO SOCORRÊ-LO, E O PASTOR TEVE DE SE ESCONDER EM CIMA DE UMA MOITA DE ESPINHOS, ENQUANTO O LOBO DEVORAVA TODAS AS SUAS OVELHAS.

QUANDO OS MENTIROSOS FALAM A VERDADE, NINGUÉM ACREDITA.

Jean de La Fontaine. In *Fábulas de Esopo*.
Adaptação de Lúcia Tulchinski. São Paulo, Scipione, 1998.

H

hipopótamo

HIPOPÓTAMO





Bondade de hipopótamo

Era uma vez um hipopótamo que era bom como um anjo. Ele ajudava as formiguinhas a atravessarem o rio, transportava os peixes doentes com o seu corpo-balsa, e ainda batia uns papos com os jacarés, que eram meio calados porque tinham um bafo de onça terrível. Apesar disso, nenhum bicho da floresta acreditava na bondade do hipopótamo: com aquele corpo, como seria possível?

Mas chegou o dia em que os caçadores, sempre eles, apareceram para estragar a harmonia do hipopótamo, e sem mais nem menos... deram um tiro nele! O hipopótamo, horrorizado com aquele ato de violência gratuita, botou, pela primeira vez, as asas para fora e, suavemente, voou até uma árvore, depois até uma nuvem, e finalmente subiu ao céu como bom anjo que era. As formiguinhas choraram e os jacarés chafurdaram na lama.

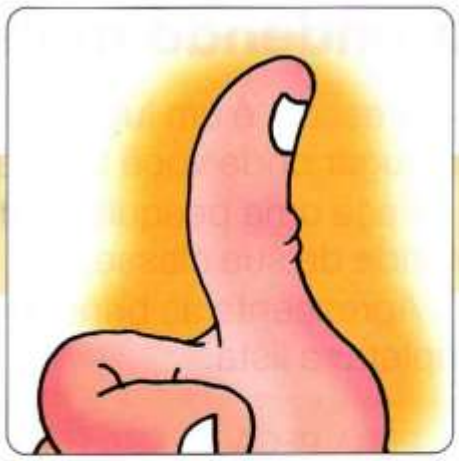
Foi um dia triste no pântano.



Diléa Frate. *Histórias para acordar*. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1996.

SGT: Profª Slvinha

D
DEDO



DEDINHOS DESBOCADOS



EPA! A COISA FICOU FEIA.
QUASE ACABA EM CONFUSÃO.
ERA DEDO CUTUCANDO OUTRO,
BARULHEIRA E DISCUSSÃO.

O DEDO MÍNIMO, COITADO,
BEM QUE TENTOU AJUDAR.
PEDIA CALMA E SOSSEGO
AOS DEDOS MÉDIO E POLEGAR...

... QUE CONTINUAVAM BRIGANDO!
E ERA TAL A BAGUNÇA FEITA
QUE OS DEDOS SÓ SE CALARAM
QUANDO OUVIRAM A MÃO DIREITA:



— NUNCA OUVI TANTA BOBAGEM
VINDO AÍ DO SEU CANTINHO!
VOCÊS SÓ PRESTAM PRA SER
MINDINHO, SEU-VIZINHO...

E O QUE MAIS, HEIN? QUE MAIS?
... PAI-DE-TODOS, FURA-BOLOS,
ESSES NOMES, VOCÊS SÃO!
E MATA-PIOLHO... SEUS TOLOS!

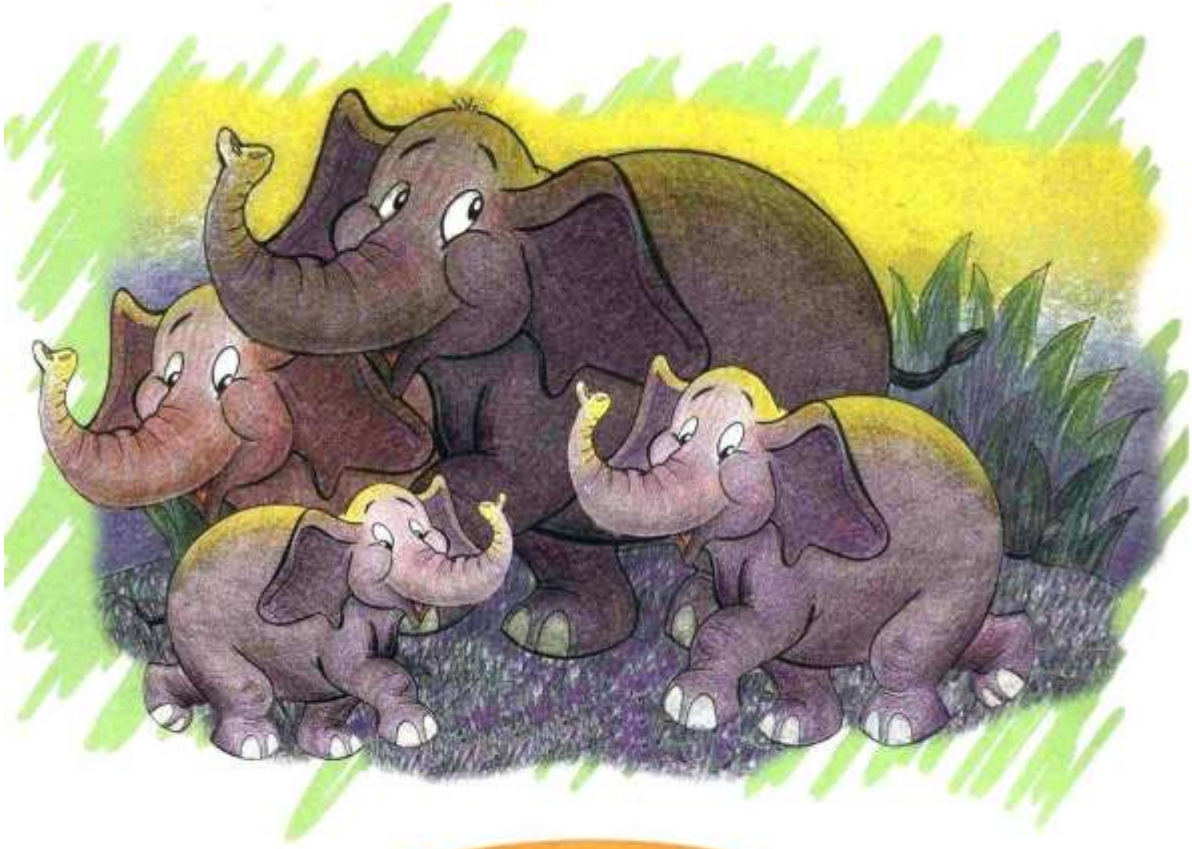
Márcia Kupstas. *Dedinhos desbocados*. São Paulo, Moderna, 1997.

R DE RECEITA

ELZA BEATRIZ

O RATO
FEZ MACARRÃO
COM O CORDÃO
DO SEU SAPATO,
VEIO O SAPO
E PULOU CORDA
COM O MACARRÃO DO RATO,
A MINHOCA
FEZ INHOQUE
COM A CORDA
DO SEU SAPO,
DEPOIS VEIO
O AVESTRUZ,
PAPOU TUDO
— CREDO CRUZ!

PARE NO P DA POESIA. BELO HORIZONTE: VIGÍLIA, 1986.



O elefante

Um elefante incomoda muita gente
Dois elefantes incomodam muito mais.
Três elefantes incomodam muita gente.
Quatro elefantes incomodam
Incomodam muito mais!

JOANA, A JOANINHA,
ENJOADA DE JANTAR
JILÓ, JACA E BERINJELA,
RESOLVEU DAR UM JEITO:
PROCUROU O JUCA
E PEDIU SUA SUGESTÃO.
JUCA, MUITO JEITOSO,
SUGERIU LIGEIRINHO:
QUE TAL JAMBO E JABÁ?



IVACY F. OLIVEIRA. *TRAVA-LÍNGUAS & TROCADILHOS*. SÃO PAULO: CASA PUBLICADORA BRASILEIRA, 2000. P. 14.

SGT: Profª Silvinha









A bola

Todo dia eu chego da escola,
Chamo a Bianca e o Rodrigo.
Eles pegam a bola,
E vêm brincar comigo.



É bola na mão,
É bola na parede,
É bola no chão,
É bola na rede...





Às vezes eu fico pensando,
Fico mesmo encabulado.
Como seria a infância
Sem esse brinquedo encantado?

Armando Arnaldo de Oliveira